

Os complementos de lugar em latim clássico e latim vulgar: uma comparação

Maria Cristina Martins

Resumo: *This paper compares the use of locatives in classical and vulgar latin. The classical or literary latin is exemplified by Cesar and Cicero, and the vulgar latin by the letters of an anonymous tiberian soldier and a letter of Rustius Barbarus, both of the II^o century a.D. We show, on one hand, that the syntax of the traditional "questions of place" in classical language is very complex and specific. On the other hand, we show that in vulgar latin the syntax of locatives presents several differences comparing to the classical latin, mainly between the places ubi and quo.*

Palavras-chave: *locativos, latim clássico, latim vulgar, sintaxe comparativa, lingüística histórica, lingüística românica, filologia românica, línguas clássicas.*

1. Introdução

"Latim clássico" é a norma literária, altamente estilizada, que compreende o período que vai de 81 a. C. a 14 d.C. Esta norma literária coexistia com o *sermo urbanus* ou *usualis*, língua coloquial das classes cultas, e com o *sermo plebeius*, que pode ser ainda subdividido em outras variedades, notadamente no *sermo*

Maria Cristina Martins é professora adjunta de língua e literatura latina no Instituto de Letras/UFRGS.

castrensis ou *militaris* (língua dos soldados), no *sermo rusticus* (língua regional), *sermo peregrinus* (língua dos estrangeiros).

“Latim vulgar” é o termo tradicionalmente usado para se referir ao latim que mostra um conjunto de inovações gramaticais que não seguem as normas do latim literário (clássico), e que pode ser tomado como o latim falado. Este latim pertencia a uma população que era muito pouco ou quase nada escolarizada e que, portanto, não poderia ter sido influenciada pelos modelos literários.

As expressões de lugar em latim clássico correspondem (e respondem) aos quatro advérbios *ubi* (onde), *unde* (de onde), *quo* (para onde) e *qua* (por onde). O uso específico de cada complemento em latim clássico está relacionado, em linhas gerais, ao fato desse complemento completar um verbo que tem a semântica de movimento ou completar o sentido de um verbo de natureza estática. Assim, as circunstâncias de lugar podem estar relacionadas a verbos de ação ou movimento, que representam relações espaciais dinâmicas, e verbos de estado, que se referem ao estado das coisas e não à ação, ao acontecimento ou processo, cujas circunstâncias de lugar estão associadas a relações espaciais estáticas. Dentro dessa divisão geral, há particularidades envolvidas em relação ao uso de preposições adequadas, pois estas representam noções semânticas secundárias, tais como a indicação de um movimento de cima para baixo, de um movimento com ou sem entrada no lugar etc.

Em latim vulgar, observa-se, em geral, um incremento no uso de preposições, tradicionalmente explicado pela busca de uma maior clareza de expressão, pela intensificação nas relações de complemento e também pela necessidade imposta pela perda da morfologia flexional de certos casos e a conseqüente confusão entre eles. Conseqüentemente, houve ambiente para uma indistinção entre os lugares “onde se está” e “para onde se vai”. Na sintaxe das expressões de lugar, observam-se ainda outras transformações pelas quais a língua latina estava passando: a redução dos ditongos, a confusão entre os casos acusativo e ablativo, devido à queda do *-m* final do acusativo, que teremos oportunidade de ver nos exemplos, entre outras coisas.

2. As expressões de lugar em latim clássico

Como se disse acima, as questões de lugar em latim clássico respondem aos quatro advérbios de lugar: *ubi*, *unde*, *quo*, *qua*.

2.1. Lugar “onde” – locus “ubi”

O lugar *onde* (*ubi*) quase sempre vem expresso pelo ablativo (também cha-

mado “ablativo-locativo”) com as preposições *in* e *sub*, sem a idéia de movimento, em oposição ao acusativo.

Cíc., *Ver.* 5, 27: *coronam habere in capite*. “ter uma coroa na cabeça.”

Cés., B.G. 1,21,1; *hostes sub monte concedisse* “os inimigos tinham se estabelecido ao pé de um monte.”

Na expressão do lugar *ubi* existem ainda resquícios do antigo caso locativo, quase sempre indicando topônimos. Os principais exemplos são com nomes de cidades e também de ilhas pequenas. Apresenta desinências em *ae* e *i*, que se confundem com o genitivo, para os nomes que pertencem à primeira e segunda declinação: *Romae*, *Tarenti*. Porém, se o nome é plural e da primeira ou segunda declinação, como *Athenae*, o lugar “onde” corresponde ao ablativo sem preposição: *Athenis*. Nas demais declinações, a desinência é igual ao ablativo, como por exemplo, *Carthagine*.

Existem ainda palavras isoladas no caso locativo que sobreviveram em latim clássico: *domi* “em casa”, *humi* “na terra”, *ruri* “no campo”, *duelli* (= *belli*) “na guerra”, *militiae* “no exército”, *uiciniae* “na vizinhança.”

Sum Romae, domi, ruri, humi. “Estou em Roma, em casa, no campo, no chão”.

Observações sobre os complementos de lugar – casos especiais:

Quando as palavras *domus* e *rus* e ainda nomes de cidades vierem acompanhadas de uma determinação, sujeitam-se à regra geral, assim como o aposto de um nome de cidade:

Sum in ipsa Roma – “Estou na própria Roma”

Eo in urbem Romam “Vou para a cidade de Roma”

Eo in pulcherrimam domum “Vou para uma casa lindíssima”

Redeo Roma ex urbe nobili “Volto de Roma, nobre cidade”

Redeo ex amplissima domo “Volto de uma casa muito ampla”

Sum Corinthi, in oppido opportuno “Estou em Corinto, cidade bem situada”

A palavra *domus*, se for acompanhada de um pronome possessivo, de *alienus* ou de um genitivo, pode seguir ou não a regra geral:

Domi meae ou *in domo mea* – “Na minha casa”

Domi Caesaris ou *in domo Caesaris* “Na casa de César”

Eo domum meam ou *in domum meam* “Vou para minha casa”

Redeo domo mea ou *e domo mea* “Regresso/volto de minha casa”

Os poetas omitem muitas vezes as preposições com os complementos de lugar *onde*, *de onde* e *para onde*:

Celsa sedet arce Aeolus (Virgílio, *Eneida*, I, 56) “Éolo está sentado no seu trono”

Descendere caelo (Hor. C., 3,4,1) descer do céu

At nos ... sitientes ibimus Afros (Virg., B., 1, 64) “E nós iremos para a África ardente”.

2.2. Lugar “de onde” – *locus* “unde”

O lugar *de onde* (*unde*) em latim clássico é expresso pelo caso ablativo, que, em latim, engloba três antigos casos do indo-europeu: o ablativo propriamente dito, o instrumental e o locativo.

Ernout-Thomas menciona a questão da perda dos casos como uma tendência geral no desenvolvimento das línguas indo-européias:

“Cette réduction du nombre (ou syncrétisme) de cas est un fait général du développement des langues indo-européennes. Outre ceux qui viennent d’être mentionnés [a saber os casos do latim clássico], la flexion primitive avait encore l’instrumental et le locatif, qui subsistent en sanscrit, en lituanien, et dans les langues slaves, mais qui en latin sont fondus avec l’ablatif proprement dit, avant l’époque historique; seules quelques formes de locatif (*belli, domi*, etc) ont conservé un emploi distinct, du rest restreint. Le grec est allé encore plus loin dans cette voie, puisqu’il a perdu également l’ablatif, de sorte que les fonctions de ablatif proprement dit de l’instrumental et du locatif y sont réparties entre le génitif et le datif” (Ernout-Thomas, 1953, p.9).

Responde à pergunta *unde* o *ablativus casus*, que é o ablativo propriamente dito, derivado do verbo *auferre* que significa “levar”, “tirar”, “tomar”, etc, cuja função primordial é indicar o ponto de partida, mas também a extensão e a separação.

Ligam-se ao ablativo propriamente dito as preposições *a(b)*, *de* e *e(x)*.

- *A* ou *ab* + ablativo

Expressa em geral o afastamento de um lugar, em oposição a *ad*. Mais especificamente, *a* e *ad* indicam um movimento onde a direção é a mesma, mas os sentidos são diferentes.

A designa um movimento que parte das cercanias de um lugar ou objeto, como em:

a signo Vortumni uenire (Cíc., Ver. I, 154): “vir (de perto) da estátua de Vertumno.”

- *Ex* ou *e* + ablativo

Caracteriza um movimento que parte de um lugar ou do próprio objeto:

E castris erumpere (Cés., B.G. 3,5,3) “sair violentamente fora do acampamento.”

Ab e *ex* opõem-se da mesma maneira que *ad* e *in*, como veremos adiante.

- *De* + ablativo

Caracteriza um movimento de cima para baixo, mas também proveniência (esta nuance se observa em *descendere* “descender”), afastamento, tal como em *A caelo ad terram, de terra ad sidera mundi* (Lucr. 1,788): “do céu à terra,

da terra aos astros do mundo.”

decidere de lecto (Plauto) “cair da cama.”

(...) *ut de finibus suis exirent* (César, B.G. 1,2,2) “... que saíssem de suas fronteiras.”

Dentre as construções de ablativo preposicionado com *ab*, *ex*, *de*, a construção com *de* foi a mais resistente, por sua inicial consonântica, cobrindo as outras formas com *ab* e *ex*. O testemunho das línguas românicas, onde apenas *de* sobreviveu, comprova esta preferência em latim vulgar.

Sendo o complemento um nome cidade ou ilha pequena, usa-se o ablativo sem preposição:

Caesar Roma profectus est “César partiu de Roma.”

Seguem a regra dos nomes de cidades os substantivos *humus*, *rus* e *domus*, podendo-se a este último acrescentar o genitivo do possuidor ou um adjetivo, que indica o possuidor. Exemplos:

Humo se tollere. “Levantar-se do chão.”

Rure venit. “Veio do campo.”

Domo Ciceronis, domo mea venio. “Venho da casa de Cícero, da minha casa.”

2.3. Lugar “para onde” – *locus* “quo”

O lugar “para onde” (*quo*) se vai é construído com o acusativo (acusativo de movimento). Designa o termo sobre o qual se dirige o movimento e, se bem que usualmente venha acompanhado de preposição, quando o complemento é um nome de cidade ou ilha pequena este vai para o acusativo sem preposição:

Cíc. Nat. 3, 83: *Nauigare Syracusas*: “navegar para Siracusa.”

Seguem essa regra os nomes de cidade e os substantivos *rus* e *domus*.

Exemplos:

Rus, domum ibo: “Irei para o campo, para casa.”

Eo domum Pompei, domum meam, alienam. “Vou à casa de Pompeu, à minha casa, à casa alheia.”

Usa-se o acusativo preposicionado – com as preposições *in* ou *ad* – quando se quer indicar se o movimento é com entrada no lugar (*in* + acusativo), ou se o movimento é até um lugar (às cercanias de um lugar) (*ad* + acusativo). Exemplos:

Cés. B.G. 5, 50, 4: *equitatus ad castra accedit*: “a cavalaria se aproximou do acampamento.”

Cés. B.G. 1,10: (*Caesar*) *ipse in Italiam magnis itineribus contendit*: “(César) ele próprio se dirige à Itália com marchas forçadas.”

2.4. Lugar “por onde” – *locus* “qua”

O lugar por onde (*qua*) é construído com acusativo e vem geralmente acompanhado da preposição *per*:

Cés. B.G. (1,11): *Helvetii iam per angustias et fines Sequanorum suas copias transduxerant*. “Já os helvécios tinham feito passar as suas tropas pelos desfiladeiros e pelos territórios dos séquanos.”

As determinações de lugar que se podem também considerar como designação de meio ou causa, exprimem-se pelo simples ablativo. Isso tem lugar, principalmente, quando se fala de caminho, rio, ponte, porta, etc., onde ou por onde se executa um movimento. Na verdade este é o ablativo instrumental, que indica meio de passagem. Exemplos:

Tiberi Romam uenire: “Vir a Roma pelo Tibre.”

Mari Aegaeo nauigare: “Navegar no mar Egeu.”

Lupus Esquina porta Romam ingressus est: “Um lobo entrou em Roma pela porta Esquilina.”

Diversis itineribus ire: “Ir por diversos caminhos.”

Via Appia profectus est: Saiu pela Via Ápia.”

Com nomes de cidades, usa-se igualmente o ablativo sem preposição, tal como já vimos acontecer em outras questões de lugar. Exemplo:

Patauiio iter facere: “Passar por Pádua.”

Como se pode ver, em latim clássico, às diversas construções de lugar estão associadas sutilezas semânticas nos diversos complementos, que se traduzem pelo emprego de casos e preposições diferentes.

Essas nuances semânticas evidentemente não eram percebidas pela maioria da população, que falava um latim de ouvido, cheio de imperfeições, se comparado ao clássico. É o que veremos no tratamento desta questão no latim vulgar.

3. As expressões de lugar em cartas que contêm vulgarismos

Para tratar da questão dos complementos de lugar no latim vulgar, trabalharei com duas cartas que se aproximam muito do que se convencionou denominar “latim vulgar”, que, apesar deste ser uma língua essencialmente falada, muitas de suas características são encontradas nos escritos de pessoas humildes, com baixa escolaridade, e que, muitas vezes, nem tinham o latim como língua materna. A primeira carta (anexo 1) é de um soldado anônimo do tempo do imperador Tibério – séc. II a.C.; a segunda (anexo 2) é de Rustius Barbarus, provavelmente um comerciante de meados do século II a.C. Há algumas evidências de que ambos tinham o grego como língua materna.

Nas cartas que contêm vulgarismos, observam-se ainda os diversos casos morfológicos, mas já aparecem confusões entre eles, pela perda das consoantes finais e pelo enfraquecimento do timbre vocálico.

Uma das razões pelas quais as chamadas “questões de lugar” confundiram-se e mudaram a regência em latim vulgar, deve-se à queda do *-m* final do acusativo. Por serem os únicos casos latinos regidos por preposição, desde cedo eram usados um pelo outro. Nessa disputa o acusativo foi o vencedor. Além disso, nas questões de lugar, temos ainda sutilezas semânticas, envolvidas nos diversos complementos, que se traduzem pelo emprego dos diferentes casos e preposições. Conseqüência desta confusão está na hesitação entre as questões de lugar *ubi* (onde) e *quo* (para onde).

3.1. Confusão entre os lugares *ubi* (onde) e *quo* (para onde)

(Carta 1, linha 4-5) *Si aequum tempus esset se exiturum Alexandriae s(i)lui(t)*. “se fizesse tempo bom, ele não disse que iria para Alexandria.”

A sintaxe clássica pediria *Alexandriam*.

O caso locativo é usado diversas vezes na carta 1, com a palavra *Alexandriae*, escrita sem o ditongo final, ou seja, *Alexandrie*. O locativo é uma sobrevivência do indo-europeu e seu uso é muito restrito em latim. Quando o soldado usa *Alexandrie* como complemento de um verbo de movimento, tal como na frase acima, cujo verbo é *exire*, na verdade deveria usar o acusativo, pois, conforme a sintaxe clássica, ele está respondendo a uma questão *quo* (“para onde”). Ou seja, em vez de *Alexandrie*, deveríamos ter *Alexandriam*, porque é complemento do verbo *exire*, que dentre tantas acepções, nesta ocorrência toma o sentido de “ir para”, portanto um verbo de movimento. Assim, pois, este é um dos exemplos de confusão entre os lugares “onde se está” e “para onde se vai.”

(Carta 1, linha 8) ... *et factum est illi venire Alexandriae con tirones*.

“.. e aconteceu de ele vir a Alexandria com os recrutas.”

Venire, com sentido de “vir” em latim clássico é um verbo de movimento que responde à pergunta *unde* (“de onde”). Demanda um tipo de complemento que chamaremos de “básico”: o lugar de origem, lugar *de onde* se vem, que em latim clássico é usado com o ablativo, com ou sem preposição. Poderia aparecer em seguida um complemento secundário, o lugar *para onde* se vai, em acusativo, com ou sem preposição (quando o complemento é um nome de cidade, etc.). Um exemplo típico em latim clássico é *Venire Delum Athenis* “Vir de Atenas a Delos” (Cíc. Att. 5,12). *Venire* no sentido de “chegar” é empregado mais comumente em latim clássico com *in* + acusativo e *ad* + acusativo, havendo determinações secundárias sobre o movimento conforme a preposição usada: “entrar no lugar” *versus* “não entrar lugar.”

Nesta ocorrência, cujo sentido é de “vir, chegar”, teríamos, conforme as gramáticas e dicionários do latim, *venire Alexandriam*, conforme o testemunho de Cícero, que vimos mais acima.

Observem-se ainda os usos do verbo *venire* no período abaixo:

(Carta 1, linha 11) *Spec(t)emus illum dum venit et ven(i)o tequm Alexandrie et deduco te usque ad nave.*

“esperemos até que ele chegue então e vou contigo para Alexandria.”

A primeira ocorrência de *venire* tem sentido de “chegar”, verbo intransitivo, mas a seguinte é claramente de “ir.” Novamente, em vez de locativo deveríamos ter um acusativo de movimento. *Alexandrie* é um locativo, que responde a um lugar “onde” e está no lugar de um acusativo, que responde a um lugar “para onde”. Com efeito, as nuances semânticas que diferenciam um movimento “daqui para lá” e “de lá para cá”, tanto nos verbos quanto nas preposições, nunca foram fáceis de serem detectadas pela população em geral. Ainda hoje se confundem no português popular *ir* e *vir*, *levar* e *trazer*.

A hesitação no emprego de *venire*, ora por *vir*, ora por *ir*, pode ser vista nos exemplos abaixo:

(Carta 1, linha 15) *Da m(i) paucum aes, ut possim venire con rebus meis Alexandrie*

“Dê-me um pouco de dinheiro para que (eu) possa *ir* a Alexandria com as minhas coisas.”

(Carta 1, linha 15) *Veni, dicet, Alexandrie et dabo t(i)bi*

“Vem, disse ele, a Alexandria e te darei (...)”.

(Carta 1, linha 17) *Mater mea no(n haben)s assem, vendidi(t) lentiamina (u)t veniam Alexandrie.*

“Minha mãe, não tendo dinheiro, vendeu os tecidos de linho para que eu viesse a Alexandria.”

Tal como vimos acontecer anteriormente, essas três últimas ocorrências demandariam o acusativo como complemento. Rigorosamente, *vir* indica um movimento “de lá para cá” e *ir* um movimento “daqui para lá.” Tanto “*ir* a/para algum lugar” como “*vir* para/a algum lugar” se constroem com acusativo de movimento porque designam o termo sobre o qual se dirige o movimento.

A indistinção entre o lugar “onde se está” e o lugar “para onde se vai” reflete-se também nos advérbios. Quanto a isto, veja-se a seguinte ocorrência:

(carta 1, linha 10) *Soli nihil poteramus facere, absentia (illius) illum abit(u)ri*

“Sozinhos nada podíamos fazer, havendo de ter a ausência dele de lá.”

A forma *illum* corresponde a *illinc* “de lá” advérbio que responde à pergunta *unde* “lugar de onde se vem.” Seria *hinc*, “a ausência dele *daqui*.” No latim clássico, o emprego de formas diferenciadas como *Romam*, *Roma*, *Romae* para exprimir circunstâncias de lugar era intrincado; representava a sobrevivência de um sistema excepcional que tendia a desaparecer. E é exatamente isso que se vê acontecer em latim vulgar.

A propósito do tema que vem sendo desenvolvido, cabe-nos apresentar um

exemplo de uso do que, aparentemente, é o advérbio *ibi*:

(carta 1, linhas 3-4) *Ego tamen inc ebinde collexi paucum aes ed ibi ad Varoclum et G(.).ivan et emi pauca que e(x)pedivi.*

“Eu finalmente aqui e ali reuni um pouco de dinheiro e *fui* a Véroclo e Givan, e comprei umas poucas coisas que envieci”.

Ibi, em latim clássico, é um advérbio de lugar derivado do demonstrativo *is*, que responde à pergunta *ubi?* “onde?”, e significa “aí.”

Ibi, nesta ocorrência, não significa “aí”, mas é a forma da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *ire* “ir” (*eo, ii/iii, itum, ire*), ou seja, *ivi*, que o soldado registrou *ibi*, forma que deveria ser falada. Vê-se que o fenômeno da alternância entre /b/ e /v/, que se vê ainda hoje em algumas palavras do português (atualmente diz-se Vasco – nome próprio – e país Basco; em algumas variedades da língua falada, “bassoura” e “barrer”, em vez de “vassoura” e “varrer”), ocorria no próprio latim. Cabe lembrar ainda que o verbo *eo* foi eliminado cedo na língua latina falada, quando passou a se confundir como o pronome pessoal *ego*, cuja forma vulgar também era *eo*. As línguas românicas confirmam que *eo* foi substituído por *vado*. Além disso, *eo* era uma forma muito pequena, com pouca perceptibilidade e audibilidade, quase inexpressiva, e tudo que era inexpressivo na língua falada acabou sendo eliminado.

Estamos conscientes que o tratamento pormenorizado da sintaxe das construções de lugar no latim vulgar em comparação com o latim clássico deveria também incluir um estudo detalhado sobre a relação entre os casos e as preposições. É usualmente afirmado que as preposições no latim vulgar passaram a ser usadas com muito mais frequência porque houve enfraquecimento morfológico dos casos latinos e confusão entre eles na sintaxe. Além disso, como consequência do aumento no emprego de preposições, muitas destas passaram a ter maior abrangência semântica, por incorporarem algumas o sentido de outras.

Apenas a título de exemplo, repare-se a seguinte ocorrência da preposição *de* na carta 2:

(Carta 2, linhas 4-5): *Ego te non tanquam amicum habio, set tanqua fratrem gemellum qui de unum ventrem exiut.*

A preposição *de*, que em latim clássico rege ablativo, aqui rege acusativo. A principal razão deste caso ter subsistido enquanto todos os outros foram pouco a pouco sendo eliminados, reside no fato de este ser mais audível, mais perceptível na cadeia sonora. Em muitos nomes e pronomes os outros casos eram realmente pequenos, quase inaudíveis. Esta é a principal razão de as línguas românicas terem o acusativo como o caso lexogênico.

Sabemos que a preposição *de* encobriu alguns usos de *ex* e *ab*, na expressão do complemento de procedência, e isso é amplamente comprovado nas línguas românicas, onde somente *de* subsistiu.

O uso de *de* + acusativo, nesta ocorrência, mostra não apenas a mudança de regência da preposição *de*, mas também, uma ampliação semântica desta. Aqui *de* engloba a função de *ex*, que em latim clássico, indica um movimento de

dentro para fora. Rigorosamente, *de*, em latim clássico, indica um movimento de cima para baixo.

Veja-se o que diz Maurer Jr.:

Perdida a maior parte da declinação antiga, o uso dos casos não tem importância especial em latim vulgar. Demais, seria difícil delinear funções de um sistema do qual as línguas românicas, por cujo testemunho sobretudo conhecemos esse latim, quase nada nos preservaram. (...) De um modo geral, as relações antes expressas pelos casos se enunciam cada vez mais por meio de preposições (Maurer Jr., 1959, p.176):

Essa afirmação é reforçada pelo testemunho de Ernout-Thomas (1953, pp.10-11) que enfatiza o aumento no uso das preposições para marcar os casos em latim vulgar, por consequência de efeitos analógicos e fonéticos que os confundiram ou apagaram. Um pouco adiante, Ernout-Thomas (1953, p.121), mas também Maurer Jr. (1959, p.88) mostram exemplos de inscrições onde há uso de preposições regendo acusativo plural, que pediriam ablativo em latim clássico.

De fato, os documentos que contêm vulgarismos, bem como o testemunho das línguas românicas, mostram claramente que na confusão entre ablativo e acusativo, este último prevaleceu.

Gostaríamos de destacar, apenas de passagem, o uso do dativo *Ptolemaeo* (linha 12), corretíssimo, caso pouco usado na carta, e a regência de *con rebus meis* (*cum* + ablativo, linha 12), contrastando com outras ocorrências em que a preposição *cum* rege o acusativo: *con tirones* e *con matrem meam* (linhas 8 e 9). Uma vez que o autor da carta era um soldado romano, supõe-se que estivesse constantemente viajando. Talvez pelas circunstâncias, a expressão *con (cum) rebus meis* fosse bastante usada, daí a regência correta. Além disso, é sempre bom lembrar que não existem textos totalmente vulgares, no sentido que reflitam inteiramente a língua falada. O que há são textos que contêm vulgarismos, pois, como se disse, é uma língua essencialmente falada, de cujas fontes podemos extrair apenas algumas de suas características, as quais, além disso, não exemplificam a gramática como um todo. Não se deve esquecer ainda, o caráter contraditório dos textos que contêm vulgarismos: formas erradas (que não seguem a norma culta, o *sermo urbanus* – latim culto falado – e/ou o *sermo litterarius* – latim clássico, latim literário) e corretas coexistem lado a lado, em todos os aspectos gramaticais.

4. Considerações finais

Sabemos que, no latim vulgar, reduz-se o sistema de declinações e de casos. De maneira geral, os nomes de 5ª declinação são incorporados à 1ª e os nomes

de 4ª à 2ª. Quanto aos casos, pouco a pouco foram se desintegrando, reduzindo-se primeiramente a três - nominativo, acusativo e dativo -, depois a dois - nominativo e acusativo - e finalmente a um único, o acusativo. Com a “fusão” dos casos, que tradicionalmente se chama “sincretismo”, cada vez mais a preposição se fazia necessária para substituir a flexão casual perdida. De fato, muitas formas casuais apresentavam desde a época clássica, o inconveniente de serem totalmente iguais entre si. Assim, o recurso às preposições para a expressão das relações entre as palavras já seria comum em latim vulgar pela maior clareza que davam a frase.

Vimos, através de vários exemplos e detalhamentos de uso das quatro “questões de lugar” em latim clássico, que havia muitas sutilezas semânticas envolvidas no uso dos diversos complementos, que se traduzem no emprego de diversos casos e preposições. No latim vulgar das cartas, principalmente a do soldado tiberiano, podemos verificar a hesitação no emprego do ablativo e do acusativo, gerada pela queda do *-m* final do acusativo. Consequência desta confusão está na hesitação entre as questões de lugar “onde se está” (*ubi*) e “para onde se vai” (*quo*).

Anexos

A primeira carta é a do soldado tiberiano (CPL, 254), escrita em papiro, do início do século II d.C., encontrada em Karanis, no Egito. A segunda carta é de Rustius Barbarus (CPL 304, CPL 303), também um papiro do século II d.C., encontrados em Ostrakon, no Egito¹.

Entre colchetes [] aparecem as restituições de letras ou palavras apagadas; entre parênteses (), as soluções de siglas e abreviações.

1ª Carta: Carta de um soldado tiberiano, escrita em papiro e encontrada em Karanis; séc.II d.C.; (CPL, 254)

1 ... dico illi, da mi, dico, a(e)s paucum; ibo, dico, ad amicos
2 patris mei. Item acu lentiaminaque mi mandavit; nullum

¹ Os papiros são feitos de um tipo de planta aquática, que tem esse mesmo nome. Durante o Império Romano deveriam existir milhares deles porque eram empregados para registrar toda burocracia do Império, além das correspondências privadas. Como são biodegradáveis, apenas umas centenas sobreviveram em regiões secas, como no deserto do Egito, de onde provêm estas duas cartas. Como nesta região o grego era usado como língua escrita, há também vários papiros em grego, inclusive um escrito em latim com caracteres gregos (Ver Bassetto, *Elementos de filologia românica*, p.116 e Herman, *Vulgar latin*, p.21 (primeiramente publicado em 1967, na coleção “Que sais-je?”, sob o título *Le latin vulgaire*. Paris, Presses Universitaires de France)).

3 assem mi dedit. Ego tamen inc ebinde collexi paucum aes ed
 4 ibi ad Veroclum et G(.)ivan et emi pauca que e(x)pedivi. Si
 5 aequum tempus esset se exituum Alexandrie s(i)lui(t). Item
 6 non mi d(e)dit aes quam (quam) aureum matri mee in
 7 vestimenta (dedit). Hoc est, inquit, quod pater tus mi
 8 mandavit. Quo tempus autem veni omnia praefuerunt et lana
 9 et (linum)? Matrem meam aute praegnata inveni. Nil
 10 poterat facere. Deinde pos paucos dies parit et non poterat
 11 mihi succurrere. Item litem abuit Ptolomes pater meu
 12 sopera vestimenta mea, et factum est illi venire Alexandrie
 13 con tirones et me reliquit con matrem meam. Soli nihil
 14 poteramus facere, absentia (illius) illum abit(u)ri. Mater mea
 15 (dicit): Spec(t)emus illum dum venit et ven(i)o tequum
 16 Alexandrie et deduco te usque ad nave. Saturninus iam
 17 paratus erat exire illa die qu(a)ndo tam magna lites factam
 18 est. Dico illi: Veni interpone te si potes aiutare Ptolemaeo
 19 patri meo. Non magis curavit me pro xylesphongium sed
 20 sum negotium et circa res suas. Attonitus exiundo dico illi:
 21 Da m(i) paucum aes, ut possim venire con rebus meis
 22 Alexandrie, im impendiam. Negabit se habiturum. Veni,
 23 dicet, Alexandrie et dabo t(i)bi. Ego non abivi. Mater mea
 24 no(n haben)s assem, vendidi(t) lentiamina (u)t veniam
 25 Alexandrie.

... digo a ele, dá-me, digo, um pouco de dinheiro; irei, digo, aos amigos de meu pai. Então me mandou uma agulha e tecidos de linho, nenhuma moeda me deu. Eu finalmente aqui e ali reuni um pouco de dinheiro e fui a Véroclo e Givan(?), e comprei umas poucas coisas que envie. Se fizesse tempo favorável, ele não disse que iria para Alexandria. Igualmente não me deu dinheiro a não ser uma moeda de ouro à minha mãe para as roupas. Isto é, diz ela, o que o teu pai me mandou. Nesse tempo, porém, tudo teve preferência tanto a lâ como o linho? Encontrei a minha mãe grávida. Nada ela podia fazer. Depois de poucos dias pariu e não podia me auxiliar (socorrer). Também meu pai, Ptolomeu, teve uma briga a respeito de minhas roupas, e aconteceu de ele vir a Alexandria com os recrutados e me deixou com a minha mãe. Sozinhos nada podíamos fazer, havendo de ter a ausência dele dali. Minha mãe (diz): esperemos até que ele chegue então, e vou contigo para Alexandria e te levo até o navio. Saturnino já estava pronto para sair naquele dia quando aconteceu tão grande briga. Digo a ele: vem, interpõe-te, se podes ajudar Ptolomeu, meu pai. Não mais se preocupou comigo, como algo sem importância, mas com seu negócio e suas coisas. Saindo atônito digo a ele: dê-me um pouco de dinheiro para as despesas, para que eu possa ir a Alexandria com as minhas coisas. Negou que ele até haveria de ter. Vem, disse ele, a Alexandria e te darei. Eu não fui. Minha mãe, não tendo dinheiro, vendeu os tecidos de linho para que eu viesse a Alexandria.

2ª carta: Papiro encontrado em Ostracon, do início do séc. II d.C.; (CPL, 304) – autor: Rustius Barbarus

1 Rustius Barbarus Pompeio fratri suo salutem. Opto deos ut
 2 bene valeas que mea vota sunt. Quid mi tan invidiose scribes
 3 aut tan levem me iudicas? Si tan cito viridia mi non mittes,
 4 stati amicitiam tuam obliscere debio? Non sum talis aut tan
 5 levis. Ego te non tanquam amicum habio, set tanqua fratrem
 6 gemellum qui de unum ventrem exiut. Hun(c ver)bum sepius
 7 tibi scribo, sed tu (ali)as me iudicas. Accepi fasco coliclos et
 8 unum casium. Misi tibe per Arrianum equitem chiloma; entro
 9 ha(b)et collyram I et in lintiolo (...) alligatum, quod rogo te ut
 10 ema(s) mi matium, salem et (mi)ttas mi celerius quia pane
 11 volo facere. Vale frater K(a)rissime.

Rustius Barbarus saúda o seu irmão Pompeu. Peço aos deuses que estejas com boa saúde. Estes são os meus votos. Por que razão tão invejosamente me escreves, ou me julgas tão leviano? Se não me mandas depressa as verduras, devo esquecer imediatamente a tua amizade? Não sou tal ou tão leviano. Eu não te tenho como um amigo, mas como um irmão gêmeo, que saí de um único ventre. Esta palavra te escrevo, mas tu me julgas de outra maneira. Recebi couve num maço e um queijo. Enviei para ti, pelo cavaleiro Arriano, um cesto, dentro há um pão e amarrado num pedacinho de linho (...)², que te peço para que me compres uma medida de farinha e sal, e me envies sem demora, porque quero fazer pão. Salve, caríssimo irmão.

Bibliografia

- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo, Edusp, 2001.
 BOURCIEZ, Édouard. *Éléments de linguistique romane*. Paris, Klincksieck, 1967.
 CICÉRON, *Correspondance*. Texte établi et traduit par L.-A, Constans, Tome II. Paris, Les Belles Lettres, 1950.
 COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
 DIAZ Y DIAZ, Manuel. *Antología del latín vulgar*. Madrid, Gredos, 1962.

² (...) falta a palavra, talvez seja “moedas”, pelo que se tem na seqüência.

- ERNOU-THOMAS. *Syntaxe latine*. Paris, Klincksieck, 1953.
- HAADSMA, R.A. & NUCHELMANS, J. *Précis de latin vulgaire*. Groningen, J.B. Wolters, 1963.
- HERMAN, József. *Vulgar latin*. Philadelphia, Penn State Press, 1999. (Editado primeiramente em 1967, sob o título *Le latin vulgaire*,. Paris, Presses Universitaires de France).
- MAROUZEAU, Jules. *Traité de stylistique latine*. Paris, Les Belles Lettres, 1946.
- _____. *Quelques aspects de la formation du latin littéraire*. Paris, Klincksieck, 1949.
- MAURER Jr., Theodoro Henrique. *A unidade da România ocidental*. USP/FFLCH, 1951.
- _____. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.
- _____. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962.
- MEILLET, Antoine *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris, Klincksieck, 1933.
- RIEMANN, O. *Syntaxe latine*. Paris, Klincksieck, 1927.
- VÄÄNÄNEN, Veikko *Le latin vulgaire des inscriptions ompéiennes*. Helsinki, Annales Academiae Scientiarum Fennicae, 1937.
- _____. *Latin, langue parlée et langue écrite: réactions et régressions*. Linguistique et Philologie Romanes: Actes du Xe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, Strasbourg, 23-28 avril 1962. Paris, Klincksieck, 1965.
- _____. *Introduction au latin vulgaire*. Paris, Klincksieck, 1981.